

João Osório de Castro



VIRIATO REI

Canto da Lusitânia

TEATRO



Obra seleccionada e patrocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

Viriato Rei
Canto da Lusitânia

Teatro

2000

Prefácio
Jorge Listopad



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS



MINISTÉRIO DA CULTURA

Obra seleccionada e patocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas



Ficha Técnica

TÍTULO

Viriato Rei
Canto da Lusitânia

Autor

João Osório de Castro

Capa

Arranjo Gráfico de Ricardo Miranda
inspirado numa pintura de António Alfredo

Coordenação

João Gil

Edição, Impressão e Acabamento

ELO - Publicidade, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal

86553/95

ISBN

972-9181-31-4

Reprodução Proibida

Nesta obra foi utilizado papel INAPA, Inasset 80 gr. /m²

Fatum da dramaturgia portuguesa

Jorge Listopad

1. Propiciar uma experiência vagamente teórica, ao escrever sobre teatro português, que ultrapassasse os apontamentos impressionistas ou as pretensões analíticas pontuais, de cerca de quinhentas palavras autorizadas pelo editor (do periódico) e fugindo a uma visão historicista, tantas vezes quantitativa, de origem universitária, seria, pelo menos, temerário. Não estamos habituados a falar seriamente de teatro. E não estamos habituados porque provavelmente não precisamos. E todavia, em certo sentido, o teatro português existe.

Existe, mas sobretudo em forma de texto, como "literatura dramática" (a imprecisão terminológica acompanha a fenomenologia teatral), e onde encontramos as tendências redutoras quer pela pouca ruptura no posicionamento extremo da sua literalidade, quer pelas dificuldades em submeter os textos a consequências decisivas no terreno. E já que partimos da perspectiva teórica, em que toda a obra literária determina a comunicação, transmitindo a mensagem do emissor ao receptor, provavelmente, tal passagem do texto teatral seria específica, de experiência **sui generis**, colocando a questão do fictício, do oculto (ou ocultado), de forma defeituosa na origem. É difícil de isolar, durante a simples leitura, a ferida ontológica resultante da não consumação do objectivo específico: o texto teatral necessita de acção, isto é, do palco, ou do espaço do discurso onde se constrói a visão. A acção transforma o **logos** mas igualmente mede (e compromete) afinal o texto, a literatura. Interacção dialéctica, naturalmente dinâmica, provavelmente necessária e cujo mecanismo omnipresente e variável¹ salva o teatro da morte tantas vezes anunciada durante a sua comovente história.

O autor teatral português, na maioria dos casos, deve contentar-se com a uni (ou mono) dimensionalidade da literatura. Um ausente (autor) fala em particular a outro ausente ou vagamente presente, em geral anónimo (leitor). Esse limitado encontro faz-se: a) fora do verbo encarnado por actores; b) fora da assembleia que é o colectivo de espectadores; c)

¹ A chamada "era do encenador" alargou a noção da variabilidade, constituindo a chave que abriu para novos discursos e novas coerências.

